



**De 17 a 19 de novembro de 2021**

## **CONTRIBUIÇÕES DO CETICISMO PARA PENSAR A FORMAÇÃO DOCENTE**

Reidiner Roberto Reina<sup>1</sup>  
Gilson Luís Voloski<sup>2</sup>

### **Resumo**

Este relato de experiência apresenta o ensaio reflexivo desenvolvido no componente curricular de Introdução à Filosofia, do Curso de Física – Licenciatura, no primeiro semestre de 2021. A atividade consistia em cada aluno escolher um tema filosófico abordado em aula para elaborar um ensaio textual, dividido em: 1) apresentar os contornos de um conceito ou das características de uma escola filosófica; 2) desenvolver uma reflexão relacionada ao tempo presente. Assim, delimitou-se o estudo nas contribuições do Ceticismo com o objetivo de tecer reflexões sobre a figura do professor, a partir dos seus pressupostos epistemológicos e éticos, como um profissional da educação investigador, aberto ao diálogo e promovedor da atitude de tolerância ao pensamento ativo, diferente e plural. A metodologia se caracteriza como estudo teórico reflexivo, bibliográfico, de abordagem qualitativa. As referências teóricas se pautaram em Hessen (2000) Marcondes e Franco (2011); Cotrim; Fernandes (2013); Dall’agnol (2014), entre outros. A intenção dessa seção não é fazer uma defesa do Ceticismo radical ou adentrar na complexidade da sua perspectiva relativista, nem o assumir como abordagem pedagógica pura. Partindo da relevância profissional de uma atitude questionadora, crítica, desencadeadora de investigação e precavida para não assumir de modo precipitado o que se apresenta como verdade fácil, buscamos contribuições no Ceticismo para pensar o papel do docente numa perspectiva investigativa, dialógica, participativa e democrática.

**Palavras-chave:** Ceticismo. Busca pelo saber. Diálogo. Formação docente.

**Eixo Temático:** Eixo 08 - Ética e Formação Profissional.

### **INTRODUÇÃO**

Esse relato tem por base a experiência de estudo desenvolvida no componente curricular de Introdução à Filosofia, do Curso de Física – Licenciatura, no primeiro semestre de 2021. A atividade consistia em cada aluno escolher um tema filosófico

---

<sup>1</sup> Acadêmico do Curso de Licenciatura em Física, Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Realeza. E-mail: reidiner.work@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutor em Educação. Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. E-mail: gilson.voloski@uffs.edu.br

abordado em aula para elaborar um ensaio textual, dividido em dois momentos: no primeiro, apresentar os contornos de um conceito ou das características de uma escola filosófica e, no segundo, desenvolver uma reflexão do tempo presente, relacionada com os desafios da formação e/ou atuação dos professores. Neste propósito, delimitou-se o estudo nas contribuições do Ceticismo para pensar a formação do docente e sua atuação como profissional da educação pautado na interação dialógica, participativa e democrática.

A reflexão parte da seguinte problematização: considerando que se vive numa sociedade que prima pela certeza científica, que em grande parte cabe aos professores das ciências da natureza reproduzi-las no ambiente escolar, pergunta-se até que ponto o conhecimento científico não é apresentado como se fosse um dogma, em que o aluno precisa aceitar passivamente como verdade? Em que sentido o Ceticismo pode contribuir para desencadear uma aprendizagem ativa e investigativa nos estudantes? De que forma ele pode trazer uma melhora na interação dialógica entre professor e aluno? Pressupõe-se, como hipótese, que o ceticismo tenha contribuições significativas para pensar a prática educativa escolar, especialmente do ensino das ciências da natureza, em dois aspectos: primeiro, a importância da problematização e da dúvida como desencadeamento de toda e qualquer investigação e da aprendizagem ativa; segundo aspecto, na melhoria da relação pedagógica, na parte que se diz respeito a tolerância à perspectiva do pensamento diferente, portanto, na abertura para a participação dos alunos garantindo espaço para perguntas, dúvidas e diálogo, e conseqüentemente o desempenho acadêmico dos estudantes.

Por meio desse ensaio, busca-se como objetivo tecer considerações reflexivas sobre a figura do professor, a partir dos pressupostos epistemológicos e éticos do Ceticismo, como um profissional da educação investigador, aberto ao diálogo e promovedor da atitude de tolerância ao pensamento diferente e plural. Os objetivos específicos são: a) De forma breve, apresentar os principais contornos éticos do Ceticismo Antigo. b) Realizar exercício de reflexão textual, com base nesta abordagem filosófica, sobre os desafios do tempo presente para a atuação pedagógica democrática do docente.

A justificativa da escolha do Ceticismo é porque o mesmo nos parece ser uma das abordagens filosóficas mais coerentes com uma perspectiva democrática, pluralista, tolerante, aberta ao diálogo e a investigação permanente. Qualidades importantes a serem desenvolvidas por um profissional docente. De outro modo, os pressupostos do Ceticismo se posicionam contrariamente à toda sociedade ou instituição social autoritária, ou até

comportamento individual de imposição de uma única linha de pensamento como verdadeira, limitando o diálogo, a reflexão e a busca pelo conhecimento (SMITH, 2004).

O propósito do presente trabalho não é fazer uma defesa do Ceticismo radical ou adentrar na complexidade da sua perspectiva relativista, nem o assumir como abordagem pedagógica pura. Partindo da ideia de que uma “pitada” de ceticismo não faz mal para ninguém, pois é salutar uma atitude questionadora, crítica, desencadeadora de investigação e precavida para não assumir de modo precipitado o que se apresenta como verdade fácil, buscamos contribuições nele para pensar o papel do docente numa perspectiva investigativa, dialógica, participativa e democrática.

A metodologia se caracteriza como estudo teórico reflexivo, de abordagem qualitativa e de fins exploratórios. As informações são elaboradas por documentação indireta, em fontes bibliográficas. Além do debate em sala de aula, os principais textos utilizados foram para a elaboração do ensaio: Teoria do Conhecimento: capítulo sobre a possibilidade do conhecimento (HESSEN, 2000); A filosofia: o que é? Para que serve? (MARCONDES; FRANCO, 2011); Fundamentos de Filosofia, capítulo específico sobre o conhecimento (COTRIM; FERNANDES, 2013); Ética na Filosofia Helenística: Ceticismo (DALL’AGNOL, 2014). Na segunda parte do ensaio, também se traz para o debate obras e artigos de autores contemporâneas, tais como: Novais (2004); Freire (2002);

## **CONTRIBUIÇÕES EPISTEMOLÓGICAS E A ÉTICA DO CETICISMO**

A escola filosófica denominada de Ceticismo surgiu durante o período histórico conhecido como Helenismo, que compreende o período temporal entre os anos de 323 a.C. a 146 a.C. (ano da morte de Alexandre até a anexação da Grécia por Roma). Nesse período, surgem várias escolas filosóficas, entre as principais, o Cinismo, o Ceticismo, o Epicurismo, o Estoicismo.

O Ceticismo surge fortemente influenciado pela filosofia de Sócrates, especialmente com seus pensamentos de desapego às coisas materiais, de negação a todos que se consideram sábios, porque mais importante do que a posse é a busca amorosa pela verdade (Filos+sofia = amor ao saber) e o uso do método dialógico como o mais apropriado ao filosofar. Com base no método da ironia socrática, o ceticismo concentrava esforços nas perguntas, desconstruindo a ousadia daqueles que acreditavam que atingiram

verdades absolutas. “A característica principal do cético é manter uma atitude crítica diante da pretensão dogmática de ter descoberto a verdade. Desconfiar das afirmações precipitadas desses filósofos e questionar suas teses são a sua marca registrada” (SMITH, 2004, p. 8).

Na interpretação de Marcondes e Franco, o Ceticismo tem fonte inspiradora na máxima socrática “Só sei que nada sei”, postura precavida e apropriada ao termo filósofo, pois só busca conhecer aquele que ainda não sabe e quer saber. Do contrário, o termo sábio indica aquele que já tem a posse da verdade, portanto, não precisa mais investigar. O termo cético vem do grego *zétesis* e significa buscar, no sentido de busca do conhecimento e da verdade e que “[...] nunca podemos assegurar ter obtido em sentido definitivo. É o processo de indagação que é importante, e não o seu resultado, porque este pode ser sempre questionado e reformulado, já que nunca será conclusivo.” (MARCONDES; FRANCO, 2011, p. 12).

Para Dall’Agnol (2014), mesmo que o Ceticismo Pirrônico teve seu nome dado a partir do filósofo Pirro de Élis, na verdade o mais importante cético a influenciar esse pensamento seja Sexto Empírico, um médico e filósofo do séc. II d.C. Em sua escrita o autor traz a citação de que para o filósofo, “[...] nada pode ser conhecido em sua essência, pois cada tese filosófica dogmática (por exemplo, há um mundo independente na minha mente), pode se contrapor a outra (tudo é subjetivo e relativo a nós humanos).” (DALL’AGNOL, 2014, p. 154). Numa perspectiva epistemológica, para exemplificar as teses equivalentes, em sala de aula foi oportunizado a reflexão sobre os diversos ângulos do mesmo objeto, fazendo uso das letras “b”, “d”, “p”, “q”. A forma do objeto é a mesma, o que muda é a sua posição. E o sujeito cognoscente que recebe este objeto numa perspectiva matemática poderia interpretar “b” por “6” ou “q” por “9”. E numa outra perspectiva o objeto “d” poderia ser interpretado também como uma nota musical. Deste modo, teríamos sete perspectivas com o mesmo objeto, porém com posições ou perspectivas diferentes e, conseqüentemente, com diferentes significados. Entretanto, cada sujeito observador tem razão no seu ângulo de observação. Tem razão tanto quem afirma se tratar de um “d” quanto quem afirma se tratar de um “b”, se as percepções dos sujeitos ao objeto forem opostas.

Isso suscita uma série de indagações, entre elas: o que é a verdade? Ela seria o conjunto de todas as posições possíveis do objeto? Nessa complexidade, ela seria acessível ao ser humano? Se não, como garanti-la ou pressupô-la? Desde o início, a posição dos

céticos foi de reconhecimento das limitações das condições perceptivas e cognitivas do ser humano para atingir a verdade. Assim, a postura cética foi precavida em relação a ilusão de posse definitiva e, ao contrário, nutriu a investigação como busca permanente pela verdade. Diferentemente da postura dogmática, que tentou se impor como verdade única, os céticos sempre se apresentaram abertos a convivência com a pluralidade de concepções.

Essa complexidade se amplia ainda mais no campo da moral. O Ceticismo parte do pressuposto de que existe a variabilidade dos acordos de significados e de valores sociais, que orientam a conduta humana em determinados contextos, e que também variam de uma cultura para outra. O âmbito moral não pode ser tratado como se fosse do campo da natureza, pois se fosse, a concepção de justo ou injusto, de belo ou feio, de certo ou errado, de bem ou mal seria igual para todos os povos, assim como o fogo é quente para todos. Por outro lado, é preciso levar em consideração que a diversidade de culturas e modos de vidas fazem parte da condição humana. Isso não é um defeito a ser combatido por uma perspectiva única do certo ou do errado, mas a manifestação da riqueza de possibilidades da liberdade humana de propor diferentes soluções aos desafios da existência.

Para os filósofos céticos, em resumo, não se deve buscar o bem e o mal por natureza, pois isso pode levar o indivíduo a inquietações de praticamente perder o significado de si e dos outros. “[...] Por isso, dizemos que a finalidade do ceticismo é a imperturbabilidade nas coisas originadas de opinião, e a moderação das afecções nas originadas da necessidade”. (DALL’AGNOL, p. 156, 2014).

## **A ÉTICA DO CETICISMO E DESAFIOS DA DOCÊNCIA DEMOCRÁTICA**

A intenção dessa seção não é fazer uma defesa do Ceticismo radical ou adentrar na complexidade da sua perspectiva relativista, nem o assumir como abordagem pedagógica pura. Partindo da ideia de que uma “pitada” de ceticismo não faz mal para ninguém, pois é salutar uma atitude questionadora, crítica, desencadeadora de investigação e precavida para não assumir de modo precipitado o que se apresenta como verdade fácil, buscamos contribuições nele para pensar o papel do docente numa perspectiva investigativa, dialógica, participativa e democrática. Para tal, também buscamos apoio para nossa reflexão pensadores da educação contemporânea.

O primeiro pressuposto a destacar como contribuição da abordagem do ceticismo para a formação docente é a perspectiva de que o conhecimento, seja qual for a área, é uma

construção permanente. O curso de graduação em licenciatura proporciona as diretrizes e referências gerais, mas a formação profissional não acaba com a formatura. Aí entramos no âmbito de citar a importância de uma formação contínua, no que se diz respeito a participar de eventos científicos e culturais, cultivar o hábito de leituras, participar de grupos de estudos e/ou pesquisas, entre outros contextos que levarão o professor a buscar ampliar seus conhecimentos. A máxima socrática “Só sei que nada sei”, como fonte inspiradora da perspectiva cética, pode ser interpretada pelo professor como “o que sei é insignificante diante do que ainda não sei, por isso tenho muito a conhecer”. Essa compreensão pode ser motivadora a uma busca contínua pelo conhecimento. Além do fato de que a produção de conhecimentos na área das ciências da natureza é um processo em construção constante, coloca a profissão docente na condição de estar aberto e atento ao novo.

Considerando que se vive numa sociedade que prima pela certeza científica, que em grande parte cabe aos professores das ciências da natureza reproduzi-las no ambiente escolar, diferentemente de uma perspectiva dogmática, que apresenta o conhecimento como um produto pronto para o aluno recebê-lo passivamente; ao contrário disso, o ponto de partida cético pode contribuir para desencadear uma aprendizagem ativa e investigativa nos estudantes. A exemplo da dúvida metódica cartesiana, como meditação fundante do método científico moderno, nas palavras de Cotrim e Fernandes (2013, p.261), “para conhecer a verdade, é preciso, de início, colocar todos nossos conhecimentos em dúvida”. Se nas ciências a construção da verdade se inicia pela dúvida, porque deveria ser diferente no ensino de Física? A relevância da metodologia cética em iniciar a aula com a provocação de duvidar verdades tidas como óbvias, “naturais”, dadas prontas pelo costume, por meio da problematização pode gerar a curiosidade do educando, deslocar o seu ponto de vista costumeiro sobre o tema, ver de outro ângulo o mesmo objeto ou fenômeno, compreender que pode conhecer mais sobre o assunto, movimentar-se internamente para aprender, ou seja, a dúvida didática e a problematização como desencadeamento de toda e qualquer investigação e a aprendizagem ativa.

Decorrente do anterior, outro aspecto a destacar, sobre possível contribuição do ceticismo para pensar a atuação docente se refere à interação pedagógica com os estudantes. Conforme exposto acima, os cétricos sempre se apresentaram abertos a convivência com a pluralidade de concepções, zelando pela “imperturbabilidade da alma” diante da tendência externa de imposição de um pensamento único como verdade. Em conceito contemporâneo pode-se dizer tolerância e interação com pensamentos diferentes.

Isso pode ter desdobramentos epistemológicos e éticos ao campo da atuação pedagógica. Se a dúvida didática sobre um tema é desencadeadora da curiosidade, do interesse ativo do estudante pelo assunto, juntamente surge a imaginação fértil em propor respostas como tentativa de resolução, que podem ser as mais diversas possíveis. Não cabe ao professor desmerecer a tentativa discente pela verticalidade de uma verdade pronta. Ao contrário, deve incentivar um ambiente propício de comunicação, de argumentação, da consideração das diferentes tentativas, portanto, da abertura para a participação ativa dos estudantes e, conseqüentemente, de interações democráticas na construção do conhecimento.

Em princípio, como diria Paulo Freire (2002, p.12), “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. Essa frase nos demonstra o quão importante é a conexão entre docente e o discente em sala de aula, pois o aprendizado ocorre em caráter mútuo, mediado pelo diálogo. Contudo, o dogmático (aquele que aceita algo como verdade absoluta), tende ao autoritarismo (HESSEN, 2000). E em sentido oposto, para o ceticismo, “seu ambiente natural é uma sociedade democrática, pluralista e tolerante, na qual as diversas culturas possam conviver pacificamente” (SMITH, 2004, p.7).

Para se entender melhor a diferença entre autoridade e autoritarismo recorremos a Novais (2004, p. 5), o qual discorre que:

É de extrema importância frisar que, apesar de ser uma forma de poder, a autoridade não se deve ser confundida com autoritarismo, ou seja, seu uso abusivo, pois [...] o professor consegue uma obediência que não será legitimada por seus subordinados. (NOVAIS, 2004, p. 5)

A epistemologia e a ética cética, como já citado acima, traz a demonstração de que o ser humano não tem condições de conhecer as coisas em sua essência, por exemplo a questão de que dependendo da perspectiva que se está olhando, o número 6 pode vir a ser um 9, talvez um P, um b ou um d, e todas podem estar corretas, mas em suas respectivas visões (COTRIM; FERNANDES, 2013). Em análise, o professor que assume, consciente ou inconscientemente, uma perspectiva dogmática tende a uma postura autoritária, pois ao estimar que o ponto de vista dele, em determinado assunto, é o único correto, impõe assim seu pensamento aos alunos e impossibilita a reflexão e o diálogo dos mesmos sobre o tema. Isso procria um estado de opressão, dentro da sala de aula, o que como já citado por Novais (2004), gera uma não legitimação no respeito didático-pedagógico que deveria existir entre aluno e professor.

Levando em consideração as contribuições da ética no Ceticismo, supramencionadas, pode orientar o professor, ao ser refutado em suas ideias, em vez de reprimir o aluno com seus ideais absolutos, escutar o que o discente tem a colocar e assim obter uma interação com o mesmo, gerando, por fim, um ambiente de confiança entre ele e a turma.

Diferentemente de um professor dogmático, que tende a ter suas ideias irrevogáveis, o profissional da educação com apoio do ceticismo, ao ser refutado em seus ideais, o mesmo pode adotar a postura de questionador, fazendo perguntas do gênero: o que te levou até essa ideia? Quais os pontos que você leva em conta até chegar essa conclusão? Perguntas que instiguem o raciocínio de ambos os indivíduos e, conseqüentemente, após o diálogo sobre o assunto problematizado se desencadeia um processo de investigação sobre o que a ciência já produziu sobre o tema. Tão importante quanto os estudantes terem acesso ao conhecimento reconhecido como válido pela comunidade científica é a compreensão de que a ciência é uma construção social e histórica de questionamentos, problematização, às vezes, de intensos conflitos de teorias opostas, e de intenso trabalho metódico em busca do conhecimento verdadeiro e de teorias consistentes para explicar/compreender os fenômenos. E caso se chegue ou não em uma conclusão aceitável por todos da sala de aula, pois, como a ética do ceticismo diz, uma tese verdadeira pode ser contraposta por outra tese verdadeira, então não teria problema se ambos os lados coexistirem com pensamentos diferentes.

Ao se ter esse conhecimento, pode-se quebrar diversas outras correntes opressoras, como é o caso do bullying, no contexto escolar, que facilmente é reproduzido na inocência das crianças, ao verem outra com alguma diferença, tendem a fazer chacota, ofendendo a mesma (OLIVEIRA, 2012, p. 20). Assim, quando o professor se deparar com tal cena, poderá chamar atenção com questionamentos, que em tese levariam as crianças a pensarem por si próprias sobre a importância de conceitos éticos de igualdade e de respeito a todos. Embora não seja o objetivo desse texto, é importante também mencionar, apenas para exemplificar, de que a perspectiva do Ceticismo também pode apresentar limitações em seus pressupostos, pois na busca da tranquilidade da alma, ou seja, da menor incomodação com assuntos originados de outros, pode se inclinar a certa insensibilidade aos problemas sociais, entre eles, aqueles que poderiam implicar na reprovação e/ou na evasão escolar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme exposto acima, o relato teve por base a experiência de estudo desenvolvida no componente curricular de Introdução à Filosofia, do Curso de Física – Licenciatura, em que se escolheu como tema as contribuições do Ceticismo para pensar a formação do docente.

O propósito do texto não foi fazer uma defesa do Ceticismo radical ou adentrar na complexidade da sua perspectiva relativista, nem o assumir como abordagem pedagógica pura. Um “pouco” de ceticismo não faz mal para ninguém, tendo em vista a sua disposição atenta, questionadora e de investigação. Como concepção de mundo, ele pode contribuir com o conceito de ser humano como projeto em construção permanente, na medida em que o homem sempre pode conhecer algo a mais; e com o conceito de docente como um profissional da educação que deve estar em formação contínua. Também, buscou-se contribuições nele para se pensar o papel do docente numa perspectiva investigativa, dialógica, participativa e democrática.

A abordagem cética pode ser profícua como ponto de partida na metodologia de ensino, pois é salutar uma atitude questionadora, crítica, desencadeadora de investigação e precavida para não assumir de modo precipitado o que se apresenta como verdade fácil. Desse modo, a importância da problematização e da dúvida como desencadeamento de toda e qualquer investigação e da aprendizagem ativa; segundo aspecto, na melhoria da relação pedagógica, na parte que se diz respeito a tolerância à perspectiva do pensamento diferente, portanto, na abertura para a participação dos alunos, garantindo espaço para perguntas, dúvidas, diálogo e investigação coletiva, conseqüentemente, o desempenho acadêmico dos estudantes.

O Ceticismo parece ser uma das abordagens filosóficas coerentes com uma perspectiva democrática, pluralista, tolerante, aberta ao diálogo e a investigação permanente. Qualidades importantes a serem desenvolvidas por um profissional docente.

## REFERÊNCIAS

COTRIM, Gilberto; FERNANDES, Mirna. **Fundamentos de filosofia**. São Paulo: Saraiva, 2013.

DALL'AGNOL, Darlei. **Ética: História e Filosofia da Moral**. 2ª. ed. Florianópolis: Licenciaturas a Distância FILOSOFIA/EAD/UFSC, 2014. v. 1.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra S/A, 2002.

HESSEN, Johannes. **Teoria do conhecimento**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

MARCONDES, Danilo; FRANCO, Irlei. **A filosofia: o que é? Para que serve?** Rio de Janeiro. Zahar: Ed. PUC-Rio, 2011.

NOVAIS, Elaine Lopes. É possível ter autoridade em sala de aula sem ser autoritário? In: **Linguagem & Ensino**. Rio de Janeiro: Educat, 2004. p. 15-51. Disponível em: [http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Revista/edicoes/v7n1/C\\_Elaine2.pdf](http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Revista/edicoes/v7n1/C_Elaine2.pdf). Acesso em: 09 set. 2021.

OLIVEIRA, Willer Carlos de. **O papel do professor diante do bullying na sala de aula**. Medianeira: Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2012. 45 p. Disponível em: [http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4717/1/MD\\_EDUMTE\\_VII\\_2012\\_24.pdf](http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4717/1/MD_EDUMTE_VII_2012_24.pdf). Acesso em: 13 set. 2021.

SCHRAM, Sandra Cristina. **O pensar educação em Paulo Freire: para uma pedagogia de mudanças**. Cascavel: Vfdvdf, 2007. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/852-2.pdf>. Acesso em: 04 out. 2021.

SMITH, Plínio Junqueira. **Ceticismo**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed., 2004.